

Trabalho em Processo /*Yá Agbára*¹ (Força das Mães)

Virginia de Medeiros /coautoria Gilmara Guimarães e Virginia Borges

Como resistir a uma ontologia unívoca que admite apenas um único significado de percepção do mundo? Essa indagação impulsionou meu processo criativo para realizar *Yá Agbára*, trabalho inédito, em processo de elaboração, que foi comissionado e concebido entre novembro de 2019 e fevereiro de 2020, em residência artística como parte da 11ª Bienal de Arte Contemporânea de Berlim. A Bienal tem como curadores Lisette Lagnado, Agustín Pérez Rubio, María Berríos e Renata Cervetto. Durante a quarentena, dedico-me a elaboração e concepção dessa nova obra, uma videoinstalação formada por 8 retratos em película de mulheres candomblecistas, trilha original e relatos. Para mostra virtual Pipa, selecionei 3 frames da videoinstalação. Os retratos de Gil DuOdé e Virginia D'Yemonjá e meu autorretrato Virginia D'Exu.

Abri a residência artística em campo sistêmico, em setembro, ainda no Brasil. Constelei meu processo artístico com a artista/facilitadora Amanda Melo, colaboradora desse projeto. Constelação Familiar é um método psicoterapêutico fenomenológico, numa constelação, os representantes movimentam-se através de sensações físicas, geradas pelo campo morfogenético de quem está constelando uma questão. O facilitador, junto com o sujeito, observam as manifestações corpóreas e, então, podem chegar à visualização de uma dinâmica que está oculta. Como resultado, a constelação indicou que o objetivo da residência apontava para espiritualidade, e anunciou 3 palavras: África, territórios e cura.

Na primeira semana de residência, fui para o evento “Dia da Consciência Negra”, no *Ilê Obá Sileké*, primeira e única casa de Candomblé da Alemanha. Senti que ali era o meu campo de trabalho, conversei com Murah Soares, *Babalorixá* do terreiro, que me recebeu como *abian* – filha de santo não iniciada. Abriu-se um portal mágico. “A magia é uma palavra que causa mal-estar nas pessoas”, afirma a filósofa da ciência Isabelle Stengers, em um diálogo constante com a escritora e ativista Neopagã Starhawk. Pois as palavras que soam confiáveis assim soam, precisamente, porque fazem parte da língua do distanciamento e de seus esforços monoculturais que buscam validar um único saber em detrimento de outros. Conceitos filosóficos como logos, esclarecimento, razão, foram, por muito tempo, empregados para descredibilizar práticas não cristãs, não científicas e, sobretudo, para legitimar a colonização, pautados na supremacia de uma “razão branca”, que inventou o *outro* como parte a ser dominada para ascensão do seu projeto de civilização.

Yá Agbára é resultado da minha vivência no terreiro e das potencialidades espirituais, morais, estéticas e políticas manifestas a partir desse encontro. O trabalho nasceu do exercício coletivo com a comunidade do *Ilê*, em especial com Gilmara Guimarães e Virginia Borges, que dividem a autoria comigo.

No livro “Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas”, o historiador Luiz Antonio Simas e o pedagogo Luiz Rufino colocam: Os conhecimentos das macumbas partem dos princípios explicativos acerca das interações entre tempo e espaço, visíveis e invisíveis, *Orun* e *Aiyé*², credibilizando as perspectivas da multilateralidade e multitemporalidade, multidimensionalidade como *modus operandi* na produção da realidade. Partindo dessa compreensão, decidimos trabalhar com a película cinematográfica. A materialidade espectral da película nos permitiu criar uma “imagem entidade” que habita o território impreciso do entre. Convidamos o cineasta Gustavo Jahn, o Gustavo D'Logunedé, para compor nossa equipe de trabalho. Através do recurso de múltiplas exposições, rebobinando o filme dentro de uma caixa preta para expor o mesmo fotograma novamente ao retratado – combinando elementos de mobilidade e de imprevisibilidade, únicos e circunstâncias para construção de cada retrato. Esse procedimento fez surgir imagens das quais não tivemos qualquer controle. Imagens com múltiplas presenças que, simultaneamente, ocupam o mesmo tempo e espaço. Nosso desejo foi criar imagens pujantes e vigorosas, contrárias e combativas às certezas racionalizadas assombradas pelo desencanto do mundo. Criar uma imagem de *Axé* – a força mágica que sustenta os Terreiros de Candomblé. Energia que se dá e se recebe, que se ganha e se perde, que se acumula e se dissipa.

Os retratos foram filmados em película 16mm Kodak color negativo, obedecemos de maneira estrita aos seguintes princípios formais: um plano fixo único, com a câmera num tripé, um grande plano sobre o rosto das pessoas filmadas, sem som e de duração igual à totalidade de um bobine de 16mm, 2 minutos, o que é considerado muito tempo em se tratando de cinema. Essa forma de condução aproxima-se da linguagem visual *Tableau Vivant*, traduzido como “pintura viva” ou “quadro vivo”, narrativa visual que utiliza de modelos em poses, figurinos e cenários arranjados com o objetivo de reconstruir uma cena literária, histórica, alegórica, ou mesmo cotidiana. Cada mulher retratada escolheu um artefato para compor sua imagem. O artefato aqui não é uma coisa, mas um corpo dotado de força, inteligência, vontade e alma. Seguindo o pensamento de um dos maiores pensadores da África, o escritor malinês Amadou Hampâté Bâ que nos fala sobre a concepção de “totalidade cosmológica sociomorfa, na qual humanos e não-humanos são dotados de faculdade e subjetividades de mesma natureza.” Mantém “relações sociais (de comunicação, troca, agressão e sedução)”, e estão “ontologicamente associados e distribuídos em uma mesma economia de metamorfose”.³

¹ Palavra em Iorubá que significa Força das Mães.

² **Orun** é uma palavra da língua iorubá que define, na mitologia iorubá, o céu ou o mundo espiritual, paralelo ao **Aiye**, mundo físico. (Tudo que existe no **Orun** coexiste no **Aiye** através da dupla existência **Orun-Aiye**).

³ Pesquisa de doutorado de Silvana Olivieri, colaboradora do projeto, no projeto de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA.

